



A organização ancestral do trabalho na produção do guaraná em Maués/Amazonas

Andreza Gomes Weil* e Antonio Carlos Wirkoski

Universidade Federal do Amazonas, Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, 69067-005, Manaus, Amazonas. Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: andrezaweil@ufam.edu.br

RESUMO. A dinâmica da produção do guaraná é permeada pela ancestralidade indígena e organizada em um conjunto de processos que marcam sua heterogeneidade frente a outras culturas. Esta percepção fundamenta-se na opinião dos sujeitos sociais que participam diretamente da produção e consideram o cultivo do guaraná como uma 'ciência'. Deste modo, este artigo tem como objetivo conhecer a dinâmica da produção do guaraná no município de Maués-Amazonas e as influências ancestrais que permeiam este processo. As informações apresentadas resultam de uma pesquisa de campo realizada junto aos trabalhadores vinculados às associações produtoras de guaraná de Maués/Amazonas, sendo uma destas administrada por indígenas. O local da pesquisa foi a região do Alto Urupadi que na divisão geopolítica do município compreende o 11º polo de desenvolvimento sustentável. Diferentes técnicas e instrumentos de coleta de dados foram aplicados durante a pesquisa incluindo algumas metodologias indicadas nos processos de Diagnóstico Rural Participativo (DRP) que foram aplicadas durante os trabalhos em grupo. Para as entrevistas individuais com os trabalhadores aplicamos formulários com perguntas abertas e fechadas. Os resultados apontam que as técnicas de produção do chamado guaraná nativo são diferenciadas em razão das influências ancestrais e que este processo tem influência inclusive sobre a qualidade dos produtos.

Palavras-chave: trabalho; guaraná; Amazônia.

The ancestral organization of work in the production of guaraná in Maués/Amazonas

ABSTRACT. The dynamics of guarana production is permeated by indigenous ancestry and organized into a set of processes that mark its heterogeneity compared to other cultures. This perception is based on the opinion of the social subjects who directly participate in the production and consider the cultivation of guarana as a science. Thus, this article aims to understand the dynamics of guarana production in the municipality of Maués-Amazonas and the ancestral influences that permeate this process. The information presented is the result of field research carried out with workers from three guarana producing associations in Maués/Amazonas, one of which is managed by indigenous people. The research site was the Alto Urupadi region, which in the geopolitical division of the municipality comprises the 11th pole of sustainable development. Different techniques and data collection instruments were applied during the research, including some methodologies indicated in the Participatory Rural Diagnosis (DRP) processes that were applied during the group work. For individual interviews with workers, we applied forms with open and closed questions. The results indicate that the production techniques of the so-called native guarana are differentiated due to ancestral influences and that this process even influences the quality of the products.

Keywords: work, guaraná, Amazônia.

Received on June 5, 2023.
Accepted on August 10, 2023.

Introdução

A representatividade mítica da origem do guaraná figura-se na encarnação de um menino que, após o trágico episódio de sua morte, deu origem à etnia Sateré Mawé. A narrativa ancestral deste mito refere-se à história de uma mulher chamada *Oniwasap'i* que morava com seus dois irmãos em um lugar encantado conhecido como *Noçoquem* e detinha expressivo conhecimento associado à prática agrícola. Cobiçada pelos animais da selva, *Oniwasap'i* foi envolvida pelo perfume de uma cobra, que ao tocá-la engravidou imediatamente.

Seus irmãos não aceitaram a gravidez e a expulsaram do *Noçoquem* antes mesmo do nascimento da criança. Tendo crescido, o menino retornou ao lugar para degustar de sua fruta preferida e nesta ocasião foi assassinado a mando dos seus tios. Ao tomar conhecimento da situação *Oniwasap'í* se direcionou ao corpo do filho, arrancou-lhe o olho esquerdo e o plantou. A planta que nasceu deste olho representava o falso guaraná. Repetindo o ritual, a mãe arrancou-lhe o olho direito e deste, nasceu o verdadeiro guaraná e primeiro *mawé*, designado como a maior força da natureza que deu origem à tribo (Pereira, 2003)

A sucinta descrição mitológica sobre a gênese do guaraná aponta os múltiplos significados deste fruto principalmente para a etnia Sateré Mawé. Para além das propriedades botânicas e medicinais o *waraná*, termo utilizado pelos *Mawés*, representa o princípio de todo conhecimento e fundamenta as bases ontológicas desta etnia. Seu consumo acontece diariamente no âmbito individual e coletivo e todas as importantes decisões são tomadas em torno da bebida sagrada *çapó*, guaraná em bastão ralado na água.

A tradição ancestral dos *Mawé* marca a singularidade da forma de cultivo do guaraná em relação a outras culturas. O conhecimento aplicado à domesticação desta planta é interpretado pelos sujeitos sociais da pesquisa como uma 'ciência, a ciência do guaraná' cuja dinâmica de trabalho implica uma relação simbiótica entre técnicas agrícolas e ritualidades próprias advindas de uma herança ameríndia transmitida também a outras culturas.

O cultivo deste fruto se difundiu entre as populações locais expandindo sua comercialização e suscitando novas formas de uso que foram reconhecidas por diversos segmentos industriais, principalmente o de bebidas. O aumento da demanda impôs uma nova lógica na produção do guaraná, isto porque a safra, que acontece apenas uma vez por ano, não era suficiente para atender um mercado em crescimento.

Uma das estratégias foi o investimento em pesquisas para o melhoramento genético da planta com fins ao aumento da produtividade e prevenção de doenças que frequentemente ameaçavam a plantação. Contudo, há que se considerar que a aceitação desse projeto não foi homogênea e gerou antagonismos que foram suscitados pelos aspectos culturais e por um forte apelo à tradição, elementos intrínsecos ao cultivo do guaraná no município.

Neste sentido, este artigo visa conhecer a dinâmica da produção do guaraná popularmente chamado de 'nativo' e as influências ancestrais que ainda permeiam este processo produtivo.

Estratégias metodológicas

O percurso metodológico foi orientado pelo método crítico dialético considerando o detalhamento da realidade do objeto de estudo a partir dos seus aspectos históricos, da análise de suas formas de desenvolvimento e das relações que se estabelecem entre estas (Kosik, 1969).

A realidade do campo exigiu exercício recomendado por Oliveira (1996) sobre o 'olhar, ouvir e escrever' visto que buscou-se interpretar a cultura do outro e penetrar suas formas de vida para cumprir a tarefa da produção do conhecimento acerca de sua realidade. Assim, a pesquisa foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativa, assim foi possível efetivar a relação entre os conhecimentos das ciências ambientais, antropologia, sociologia, ecologia, filosofia e outras áreas de conhecimento que se inter cruzam com o objeto de estudo.

Os dados primários foram coletados no decorrer da pesquisa exploratória por meio da técnica de observação, onde utilizamos o caderno de campo. Os instrumentos de coleta de dados tais como roteiros e formulários de entrevista foram elaborados com base nas primeiras observações. As informações secundárias foram obtidas através da pesquisa documental realizada junto a instituições públicas estaduais e federais.

A pesquisa de campo foi realizada no município de Maués e tem como *lócus* a região do Urupadi, distante do município 39 Km em linha reta e aproximadamente 50 Km se considerarmos as numerosas curvas do rio. Diferentes técnicas e instrumentos de coleta de dados foram aplicados durante a pesquisa incluindo algumas metodologias indicadas nos processos de Diagnóstico Rural Participativo (DRP) que foram aplicadas durante os trabalhos em grupo, entre as quais: 'diagrama de Venn' para a identificação das relações que gravitam em torno das associações; o fluxograma da produção e comercialização do guaraná; a elaboração do calendário agrícola e a aplicação da Matriz SWOT, com fins a identificar os diferentes cenários vivenciados pelas associações. O público participante da pesquisa foram os trabalhadores vinculados às seguintes associações: Associação dos Agricultores Familiares do Alto Urupadi (AAFAU), Associação Comunitária e Agrícola do Urupadi (ASCAMPA) e o Consórcio de Produtores Indígenas Sateré Mawé (CPSM).

As informações adquiridas no decorrer da coleta de dados foram analisadas a partir da análise dos discursos coletados nas entrevistas individuais, bem como nas atividades grupais. Para além destas fontes foram também registradas as informações compiladas nos cadernos de campo e nos registros realizados no decorrer das atividades em grupo.

‘A ciência do guaraná’: ancestralidade e tradição

O guaraná é uma trepadeira silvestre da família das Sapindáceas, um vegetal arbustivo da região das terras altas do rio Maués-Açu, território tradicional dos Sateré Mawé, local onde a planta se desenvolve de forma mais espontânea e em caráter silvestre (Monteiro, 1965). O *waraná*, nome original do guaraná na língua *sateré-mawé*, é fruto sagrado, símbolo raiz, que representa a história da etnia e está presente em diversos campos que constituem sua tradição cultural (Alvarez, 2009). Etimologicamente é uma palavra unificada (*we´ entup ehay´ yn*) que significa princípio do conhecimento, fonte de sabedoria. O relato de umas das lideranças indígenas sugere uma análise simbiótica entre a mítica e as formas primárias de organização da etnia:

Eu acho que é uma história mítica, que também não é lenda porque não é também mito. É uma ‘historia viva’, a forma de como nós nos organizamos socialmente no povo, na cultura, na história, na ciência *sateré mawé*. Então o guaraná é baseado nisso, tanto que guaraná é chamado waraná não é guaraná, guaraná é dos brancos, eles deram esse nome. Waraná é o princípio do conhecimento e o que é o princípio do conhecimento? Para nós é a nossa religião, a nossa educação verdadeira o nosso deus. Porque só deus é princípio, meio e fim, porque deus é o princípio de tudo e de lá é que parte toda a história da humanidade, não é só os Sateré não, é de toda a humanidade, porque sabemos que nossa origem é só uma (Liderança indígena do CGTSM, grifo nosso).

Apesar dos outros cultivos, o guaraná é considerado o principal produto dos *sateré mawé*, não apenas pelos aspectos simbólicos, mas porque foram estes indígenas que ‘descobriram’ esta trepadeira silvestre e a domesticaram, daí o fato de se autodenominarem como Filhos do Guaraná (Lorenz, 1999).

O primeiro contato com esta etnia aconteceu em 1669 por meio de uma expedição da coroa portuguesa comandada pelos missionários jesuítas e por forças militares, que tinha como objetivo a instalação de aldeamentos produtivos na Amazônia (Figueroa, 2016). Este período também marca a primeira descrição bibliográfica sobre o guaraná escrita pelo padre João Bettendorff, que em sua *Crônica da missão dos padres da companhia de Jesus no Estado do Maranhão* relatou:

Tem os Andiraz em seus matos uma frutinha que se chama guaraná, a qual secam e depois pisam, fazendo dela umas bolas, que estimam como os brancos o seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando e em uma cuia de água bebida, dá tão grandes forças, que indo à caça, um dia até outro, não tem fome, além do que faz urinar, tira febres e dores de cabeça e câibras (Pereira, 1980 apud Bettendorff, 1910, p. 703)

Os primeiros estudos sobre o guaraná aconteceram em 1810 quando os botânicos Humboldt e Bonpland viajavam pela Venezuela e coletaram algumas amostras da planta na região do Rio Orinoco. Apenas em 1821 o material colhido foi descrito e classificado pelo botânico Kunt como *Paullinia cupana* (Nazaré, 1982). Em 1826 o etnólogo alemão Von Martius, classificou o guaraná da região de Maués como *Paullinia sorbilis* em razão do uso como bebida. Posteriormente, o botânico precisou acatar a substituição do nome *sorbilis* por *cupana*, por direito de propriedade, considerando a semelhança entre os escassos materiais coletados e por ser o *cupana*, da Venezuela, conhecido como ‘guaraná’ no Baixo Rio Negro (Vasconcelos, Nascimento, & Maia, 1976).

Em 1935 o botânico Adolpho Ducke coletou amostras do guaraná durante uma expedição à fronteira do Rio Negro. O material, colhido em uma velha plantação de um sítio abandonado, apresentou divergências em comparação às características botânicas do guaraná do Baixo Amazonas, o que levou Ducke a concluir a presença de duas subespécies ou variedades geográficas, sendo as seguintes: - *Paullinia Cupana* H.B.K. *typica*, encontrada no alto Orenoco e Alto Rio Negro; - *Paullinia Cuppana* var. *sorbilis* (mart.) Ducke, encontradas na parte Sudeste do Amazonas, especificamente nos municípios de Maués e Parintins (Vasconcelos et al, 1976).

O cultivo do guaraná inicia com a busca pela espécie nativa que é encontrada somente na floresta e comumente é chamada de ‘matriz’ ou ‘planta mãe’, o ‘encontro’ com esta planta é uma tarefa difícil, pois em geral as matrizes estão localizadas em áreas remotas da floresta. Sua identificação não é algo simples, exige conhecimentos específicos, pois na floresta esta planta é uma trepadeira que pode alcançar até 10 metros de altura e guarda muitas semelhanças com outras espécies.

As boas ‘matrizes’ determinam a produtividade dos frutos e este processo envolve a aplicabilidade de saberes tradicionais. As mudas germinadas destas plantas são extraídas e transportadas para a área de plantio. De acordo com Tricaud, Pinton e Pereira (2016, p. 47, grifo nosso) “[...] o único processo de seleção existente seria a escolha das boas ‘plantas mães’ e das melhores mudas nativas a extrair [...] nesta técnica o guaraná é designado como ‘filho’, ‘filhote do mato’ ou ainda chamado de ‘nativo’, ‘da natureza’, ‘original’”.

Na experiência de uma das trabalhadora da AFAFU, a observação das matrizes é relevante para o desenvolvimento da produção, contudo não é algo simples e exige disposição para o trabalho:

Esse guaraná nessa nossa mata aqui a gente tem as árvores matrizes do guaraná que são um cipó, quando a gente chega debaixo daquela trepadeira e vê os filhinhos, se tem muito, a gente sabe que ela é uma boa matriz. Aqui tem muita, mas as mais raras são aquelas que dão muitos filhos. Então o que a gente fazia antes: íamos na mata, retirávamos os filhos e trazíamos para o nosso roçado já pra domesticar elas. Muitos ainda fazem assim, mas nós com o nosso trabalho sempre tivemos a ideia de modificar. Aí a gente pensou: poxa se tem ali a matriz que dá bastante fruto, se a gente tirar de lá os filhinhos, as mudas então a gente vai plantar lá e se essa muda der bastante fruto, o que vamos fazer? Vamos selecionar as sementes dali e fazer os nossos próprios viveiros. Aí a partir dali a gente já não foi mais tirar da floresta, a gente começou a domesticar (Trabalhadora da AAFAU).

No bojo desta narrativa identificamos a aplicabilidade dos saberes que podemos compreender como “[...] uma capacidade prática, uma competência que não implica necessariamente conhecimentos formalizáveis [...] são ensinados, aprendem-se pela prática, pelo costume. Sua transmissão consiste em apelar à capacidade do sujeito de produzir a si próprio” (Gorz, 2005, p. 32).

Na cultura do guaraná estes saberes são interpretados como uma tradição cultural deixada pelos antepassados e passada de geração em geração. Há um sentimento coletivo de valorização de saberes, pois estes marcam a história, a cultura e identificam várias gerações. Aprender a cultivar o guaraná é uma espécie de ofício, uma designação laborativa a qual todos, ribeirinhos e indígenas, estão destinados a participar em algum momento de sua vida e pretendem repassar este conhecimento para que seus descendentes continuem a tradição.

Para estes trabalhadores, sejam estes ribeirinhos ou indígenas, o cultivo do guaraná é uma ‘ciência’. Em nossa interpretação, uma ciência que escapa aos princípios epistemológicos e regras metodológicas impostas pela modernidade e traduz-se nos ensinamentos da vida e do saber prático, estes transmitidos de geração em geração (Santos, 2010). Do mesmo modo, esta ciência permite uma aproximação com as relações estruturais da realidade e dos processos materiais que gravitam em torno da organização social do trabalho (Leff, 2002).

Esta ‘ciência’ está, portanto, fundamentada no ‘conhecimento’ sobre o ‘ambiente’ e tudo que o rodeia. Neste contexto ocorre o movimento espontâneo do ‘trabalho’, manifestado na relação que se estabelece entre homem e natureza onde este atua para modificá-la e, num processo mútuo, modifica a si próprio (Marx, 1991).

O processo de frutificação do guaraná depende essencialmente da ação do homem, como afirmou um dos participantes: “Se ficar na floresta o guaraná se cria, mas não dá fruta. Ele vai subindo. Por isso precisa limpar, precisa ser cultivado. Se deixar para o mato ele virá só mais um cipó”.

O ‘ambiente’, nesta conjuntura, não é concebido apenas como o espaço onde vivem as espécies biológicas, mas como uma categoria que integra princípios de ordem física e social articulando portanto os aspectos ecológicos e a organização cultural e política das populações (Leff, 2002). Isto quer dizer que, para além dos processos materiais do trabalho, existem outras perspectivas que circundam a produção do guaraná e que, em nossa percepção, estão assentadas na ancestralidade e na cosmologia com a natureza, herança transmitida pelos ameríndios.

Neste sentido, a nominada ‘ciência do guaraná’, possui uma arquitetura própria que tem em sua base o ‘conhecimento’ e como pilares o ‘trabalho’ e o ‘ambiente’, conforme ilustramos na Figura 1.



Figura 1. Ilustração gráfica da expressão ‘ciência do guaraná’ (Elaborado pelos autores).

Estas argumentações podem parecer comuns a outros cultivos, contudo não há como negar que o valor simbólico atribuído a este fruto marca a sua diferença em relação a outras culturas. Além disso, no que se refere aos processos de trabalho cabe observar que os tratos culturais exigem procedimentos mais cautelosos, por isso os participantes da pesquisa foram unânimes em mencionar que ‘o guaraná dá muito trabalho’, condição reiterada por um dos trabalhadores da ASCAMPA:

Na minha experiência de agricultor o guaraná é diferente de todas as culturas que a gente tem no nosso Brasil. Até porque desde o plantio ele precisa de um tratamento especial. E ele é diferente de outras culturas porque tem umas culturas que quando ela amadurece você só já faz colher e entregar, o guaraná não, você tem que colher e beneficiar. Então ele é uma cultura muito especial no nosso município, diferente de todas as outras culturas (Trabalhador da Ascampa).

De acordo com Lorenz (1999) o cultivo do guaraná é uma somatória de práticas agrícolas tradicionais desenvolvidas através de séculos, que envolve um sistema complexo de conhecimentos obtidos por meio das observações empíricas dos *sateré mawé*. Este processo relaciona conhecimentos em genética, polinização, reprodução, desenvolvimento da planta e os tratos agrônômicos, tudo para a garantia da qualidade do guaraná.

A ‘ciência’ em movimento: dinâmica do processo produtivo do guaraná

Em linhas gerais a produção do guaraná envolve 4 (quatro) macro fases: ‘cultivo’, ‘processamento’, ‘beneficiamento’ e ‘comercialização’. Estas integram uma diversidade de ‘processos’ conforme representado na Figura 2:

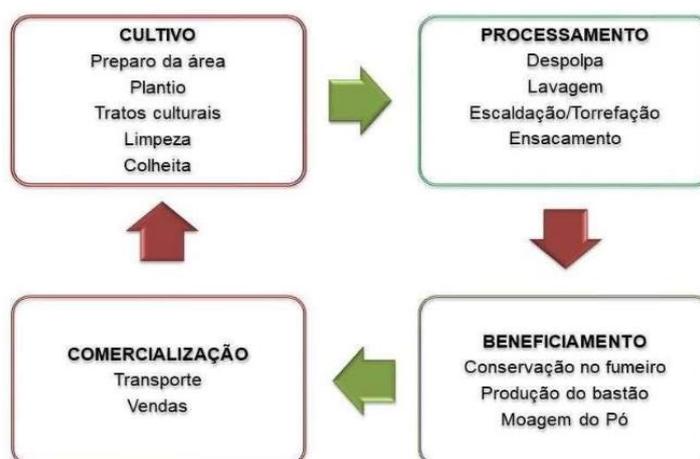


Figura 2. Fluxo de macro fases e processos de trabalho da produção do guaraná (Elaborado pelos autores).

Nem todas as ‘macro fases’ apresentadas neste fluxo são comuns às associações e alguns processos seguem dinâmicas diferentes a depender da organização do trabalho de cada associação. Na cultura do guaraná a terra é o principal meio de trabalho e é valorizada como um patrimônio que cria as condições necessárias para as atividades nas unidades produtivas familiares (Witkoski, 2010). As propriedades fundiárias são divididas em área cultivada e área preservada e 90% dos entrevistados relataram ter o título definitivo das mesmas.

Na divisão sexual do trabalho os homens assumem as tarefas de campo, tais como o preparo da área, o plantio, a limpeza e a colheita, já as mulheres dividem o tempo entre as atividades domésticas e os processos de despulpa, lavagem, escaldamento/torrefação. Esta, porém não é uma regra, pois, quando necessário, a força de trabalho feminina atua em todo o fluxo da produção como nos relata a trabalhadora da AAFAU:

O papel principal da mulher é na descascagem e na torração, mas a gente faz todo o processo inclusive na apanhação na limpeza, no que for porque a gente conhece todo o processo. Aqui não tem essa diferença hierárquica de homem e mulher porque a gente trabalha todos juntos no que for preciso (Trabalhadora da AAFAU).

Estas diferenças, geralmente identificadas nas relações de trabalho entre homens e mulheres, não foram percebidas de forma acentuada na produção do guaraná. Ainda que exista uma clara divisão sexual do trabalho, o parâmetro para a definição das atividades femininas não está necessariamente associado ao trabalho ‘leve’ ou ‘pesado’, mas às habilidades perceptivas das mulheres para alguns processos da produção, tal como a torrefação. Conforme Brumer (2004), no trabalho rural o caráter do que é ‘leve’ ou ‘pesado’ no trabalho é determinado culturalmente, de acordo com a dinâmica hierárquica estabelecida na família.

O serviço doméstico foi bastante referenciado pelos trabalhadores e trabalhadoras como um elemento da divisão do trabalho, principalmente no que se refere ao preparo da alimentação durante os períodos de maior fluxo de atividades. Estas atividades são comumente coordenadas pelas mulheres e algumas delas acumulam os serviços domésticos com os trabalhos em seus próprios guaranazais.

O fluxo da produção segue um período anual dinâmico onde os diferentes processos são distribuídos em um calendário agrícola. De acordo com Verdejo (2006) estes calendários permitem analisar todos os fatores relacionados ao tempo de trabalho destacando quais atividades ocupam mais tempo e as épocas das diferentes práticas agrícolas. Na Figura 3 ilustramos o calendário agrícola da produção do guaraná.

 CALENDÁRIO AGRÍCOLA - PRODUÇÃO DO GUARANÁ												
CULTIVO												
Mês/atividade	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Preparo da área	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Tratos Culturais	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Plantio	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Limpeza	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Colheita	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
PROCESSAMENTO												
Mês/atividade	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Despolpa	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Lavagem	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Escaldamento/Torrefação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Ensacamento	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
BENEFICIAMENTO												
Mês/atividade	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Conservar no Fumeiro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Produção do Bastão	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Moagem do Pó	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
COMERCIALIZAÇÃO												
Mês/atividade	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Transporte	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Vendas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Figura 3. Calendário agrícola da produção do guaraná (Elaborado pelos autores).

Verifica-se que as atividades são bem divididas, sendo cultivo e comercialização concentrados no primeiro semestre e as atividades de processamento e beneficiamento nos meses finais do calendário. Os processos desenvolvidos a partir do período da colheita são os mais trabalhosos, pois concentram uma diversidade de práticas. Nos últimos meses do ano a produção do guaraná torna-se prioridade para os trabalhadores e suas famílias, que também administram outras culturas concomitantemente.

A área para plantio deve ser sempre em terra firme e seu preparo envolve limpeza, derrubada, queima e a demarcação para as covas. Os participantes destacaram que estes são os processos mais trabalhosos, pois envolvem a limpeza da área e exige mais agilidade por parte dos trabalhadores. O tempo de trabalho empregado no preparo da área é de 8 a 10 horas por dia na maioria das vezes em sistema de Puxirum, prática predominante em todas as associações.

Logo após o momento de preparo da área os trabalhadores iniciam o processo do 'plantio' e replantio das mudas, realizado estrategicamente entre os meses de janeiro e março para aproveitar a época das chuvas na região. Esta atividade não ocorre todos os anos, pois as áreas de cultivo do guaraná podem ter uma produção maior que 20 anos.

As covas são abertas manualmente e nelas aplicados os insumos necessários para o desenvolvimento da planta. O guaraná nativo leva em torno de 3 a 4 anos para produzir os primeiros frutos e inicialmente produz poucos

frutos, 0,5kg anualmente por árvore. O guaraná 'clonado' (processo de melhoramento genético) por sua vez leva em média 2 anos para a frutificação e tem uma produtividade maior, em geral, 1,5 Kg por árvore (Costa, 2017).

No processo de 'adubação' os que cultivam o guaraná clonado utilizam o adubo químico comprado em lojas na cidade, e a adubação precisa acontecer pelo menos 3 vezes no ano. Já os trabalhadores envolvidos na produção tradicional utilizam o adubo orgânico. Os indígenas por sua vez, priorizam a 'adubação natural', ou seja, a utilização de folhas e sobras de árvores nas plantas.

A 'colheita' inicia quando os cachos ainda se encontram meio verdes, mas com pelo menos a metade dos frutos maduros. A soltura dos cachos é realizada de forma manual, a utilização de tesouras não é algo comum entre os trabalhadores entrevistados. Os frutos são selecionados, colocados em paneiros de apanhação e lavagem e transportados para os barracões, espaços equipados com os instrumentos de trabalho necessários para o processamento e beneficiamento do guaraná. No barracão, os cachos são depositados na gareira ou em lonas estendidas no chão, onde permanecerão por pelo menos dois dias para o processo de 'fermentação' e amolecimento das cascas, o que facilita o despulpamento e a lavagem.

O processo de 'despulpamento' consiste na separação entre as sementes e a polpa branca que as envolve, popularmente conhecida como 'remela'. Existem três formas de fazer a despolpa, a primeira é amassando com os pés os frutos que ficam dispostos sob uma lona ou outra estrutura montada no chão. A segunda é descascando os frutos com as mãos, prática mais identificada entre os participantes da pesquisa. Por fim, a alternativa mais tecnológica, porém menos acessível, que é a utilização de despulpadoras.

A 'lavação' é um trabalho habitualmente desenvolvido pelas mulheres e consiste na limpeza do guaraná após o processo de descascação. Após a lavagem, tem início o processo de 'torrefação' outra prática delegada preferencialmente às mulheres. Esta é uma fase da produção dominada por poucos e envolve a prática de conhecimentos tradicionais. A 'torra' pode ser realizada no forno de ferro ou de barro e consiste em mexer o guaraná com pás e rodos de madeira até que as sementes alcancem a umidade adequada para as condições de armazenamento. A finalização ocorre quando o guaraná atinge o 'ponto de estalo', indicando que a umidade das sementes está adequada para o beneficiamento.

Após o esfriamento o guaraná é colocado em sacos de sarrapilha e pode ser enviado diretamente à comercialização ou transportado para o fumeiro, onde permanece por mais tempo para uma espécie de refinamento de suas propriedades. O fumeiro foi criado pelos indígenas por considerarem que a fumaça tem influência na qualidade do sabor do guaraná. Sua estrutura material é formada de madeira e no seu interior encontramos armações suspensas utilizadas para o armazenamento das ramas e também dos bastões de guaraná. No chão, de terra batida, os trabalhadores (especialmente os indígenas) montam a fogueira com madeiras aromáticas selecionadas na floresta, entre estas o *muruci*, *moiaqué* ou *caraiapé*.

Os indígenas conservam o guaraná por um período mínimo de 3 a 4 meses, enquanto os agricultores o mantém no fumeiro pelo tempo de 2 a 3 meses. A diferença está no aspecto físico das sacas armazenadas na sede do Consórcio Indígena. Na Figura 4 podemos evidenciar essa diferença, as sacas mais escuras são provenientes dos produtores Sateré, já as mais claras foram produzidas pelas associações não indígenas.

Na fase de beneficiamento a produção do 'bastão' ou 'pão' de guaraná é uma das mais trabalhosas e apenas alguns trabalhadores possuem conhecimentos para tal atividade, como nos afirmou um trabalhador do consórcio indígena: "O bastão não é qualquer um que sabe fazer não, tem que ser mestre mesmo eu pelo menos não sei fazer. Tem que saber a quantidade certa de água, essas coisas. Tem as pessoas certas pra isso". Além de representar a forma clássica de consumo, esta forma de beneficiamento é também a melhor forma de conservação do guaraná, pois enquanto as ramas duram em torno de 2 anos, o bastão pode durar até 10 anos pela proteção dos princípios ativos da fumaça.

Na produção do bastão há uma 'linha de produção' movida por um trabalho essencialmente manual que envolve ritos tradicionais e habilidades perceptivas para o preparo. O processo inicia com a separação das cascas dos grãos torrados, estes são batidos dentro de um 'saco de pano' e posteriormente são selecionados de forma minuciosa.

As sementes menos torradas são separadas e pesadas em uma pequena balança para conferir o peso do bastão. Posteriormente são levadas até o 'pilador' (trabalhador que maneja o pilão) que coloca as sementes no pilão com o auxílio da marreta ou 'mão de pilão' e inicia o processo de trituração do guaraná. Um tempo depois, quando o guaraná ganha a forma de pó, o pilador acrescenta água no pilão até que se forme uma massa homogênea que precisa ser batida ininterruptamente por pelo menos 15 minutos, até o ponto de dar a 'liga', ou seja, a consistência necessária para a fabricação do bastão. É neste momento que o conhecimento do pilador é indispensável, pois quando a massa não está adequada acarreta muitos prejuízos.



Figura 4. A) Fumeiro para a conservação; B) sacas conservadas em fumeiro do guaraná (Acervo dos autores).

Quando a massa é retirada do pilão, os ‘padeiros’ (trabalhadores específicos) permanecem sovando com as mãos para que, daquele material, possam calcular o quantitativo de bastões que podem ser produzidos. Em seguida dividem essa massa e iniciam o processo de modelagem para posteriormente depositar os bastões em cascas de bananeira que funcionam como uma espécie de ‘fôrma’, para dar solidez à massa.

Na cultura *sateré mawé* a modelagem dos pães é um trabalho exclusivo dos homens, algo que não percebemos entre os trabalhadores associados camponeses, uma vez que identificamos mulheres na função de ‘padeiras’. O próximo passo é a lavagem dos pães, necessária para a melhor absorção da fumaça nos fumeiros. De acordo com Lorenz (1999) na produção dos indígenas a lavagem dos pães é o trabalho mais delicado do beneficiamento e conferido exclusivamente às mulheres mais velhas. Por fim, os bastões são direcionados ao fumeiro para moquear com quentura elevada durante algumas horas. O tempo de permanência no fumeiro depende do tamanho do bastão, aqueles que pesam entre 100 a 250 Kg permanecem por aproximadamente 30 dias, já os bastões de $\frac{1}{2}$ quilo continuam por pelo menos 60 dias até que fiquem prontos para a comercialização. O processo de produção do bastão pode ser evidenciado na Figura 5.

Os precursores da ‘comercialização’ do guaraná foram os indígenas *sateré mawé* e, conforme registros de historiadores e cronistas, as transações comerciais aconteciam muito antes do século XVII. De acordo com Monteiro (1965) antes de ser reconhecido no mundo europeu, os indígenas Maués já mantinham ativo comércio de guaraná com negociantes de outras regiões:

Os negociantes de Cuiabá venciam todas as dificuldades impostas pela distância, a fim de adquirirem-no no local da produção, Maués. Isto prova o quanto de estimável já era o guaraná nas épocas anteriores ao ciclo da navegação a vapor da região (Monteiro, 1965, p. 37).

Um dos trabalhadores indígenas entrevistados reitera tal questão quando comenta os primeiros indícios de comercialização do guaraná pelos Sateré: “[...] os Sateré foram os primeiros que no século XVII já exportavam o guaraná para a Bolívia. Tinha comerciante que vinha remando 6 meses para chegar no território Sateré só pra comprar guaraná” (Trabalhador indígena).

No decorrer da pesquisa constatamos que atualmente o guaraná em ramas é a forma mais comum de comercialização (56,4%), o bastão é comercializado por 53,8% dos trabalhadores e apenas 17,94% vendem o guaraná em pó. Entretanto, consideramos que este percentual generalizado indica as formas de comercialização apenas de modo parcial, uma vez que a maioria dos trabalhadores comercializa pelo menos dois destes produtos. Assim, a partir da particularidade de cada entrevista criamos diferentes combinações para que os dados fossem mais tangíveis e próximos da realidade dos trabalhadores entrevistados. A Tabela 1 revela o detalhamento das formas de comercialização do guaraná pelos trabalhadores das associações estudadas.

Por fim, é importante salientar que entre os principais agentes de comercialização do guaraná citados pelos participantes da pesquisa o atravessador foi o mais mencionado (35.89%), na sequência a empresa de bebidas (33,3%) mais especificamente a Ambev e a Coca-Cola. A compra do guaraná por associações é de apenas 20,51%, Um total de 17,94% dos trabalhadores afirmou que vende o guaraná para o comerciante da cidade e outros 17,94% comercializam o produto em feiras. Tal cenário evidencia a necessidade de políticas públicas que incentivem a valorização do trabalho das associações e principalmente dos trabalhadores.



Figura 5. Fases da produção do bastão. (A) Separação das cascas (B) Seleção das sementes (C) Peso das sementes (D) Pilação e pilador; (E) Massa do guaraná após pilação (F) Padeiro sovando o guaraná (G) Modelagem do bastão; (H) Lavagem do bastão (I) Depósito nas cascas de bananeira (J) Bastão no fumeiro (Acervo dos autores).

Tabela 1. Formas de comercialização do guaraná pelos participantes da pesquisa.

Comercializa	Percentual (%)
Bastão e ramas	12,82%
Bastão e Pó	41,0%
Pó e Ramas	2,56%
Bastão	2,56%
Pó	0,0
Ramas	38,46%
Bastão, pó e ramas	2,56%
Total	100%

Considerações Finais

A produção do guaraná em Maués apresenta uma realidade ímpar. A trajetória sociohistórica construída em torno do guaraná revela a consolidação de uma cultura que esboça a vida social no município. O guaraná está na economia, na alimentação, nos ritos, nas festividades, na dança, na música e em diversos outros aspectos que constituem a vida dos habitantes. Para além dos aspectos culturais a dinâmica do trabalho na produção do guaraná envolve uma série de processos permeados pela ancestralidade indígena e os saberes que, posteriormente, foram aprimorados pelos povos tradicionais da Amazônia.

Constata-se que a tradição no cultivo é preservada como uma forma de resistência aos modelos produtivos dominantes que, orientados pelo lucro, impõe uma lógica produtiva irracional que traz mudanças nocivas à produção. Ademais, é necessário considerar que a organização das associações funda-se como uma estratégia de comercialização justa, de valorização do trabalho e, principalmente, de valorização dos aspectos que revelam a relevância da cultura para a continuidade da cultivo do guaraná.

Referências

- Alvarez, G. O. (2009). *Satereia: tradição e política sateré-mawé*. Manaus, AM: Editora Valer.
- Brumer, A. (2004). Gênero e agricultura: a situação da mulher no Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, 12(1), 205-227.
- Costa, L. F. B. (2017). *Cultivadores de guaraná: um estudo do processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués-AM* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Figueroa, A. L.G. (2016). Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 11(1), 55-85. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000100005>
- Gorz, A. (2005). *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo, SP: Editora Annablume.
- Kosik, K. (1969). *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Paz e Terra.
- Leff, E. (2002). Agroecologia e saber ambiental. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, 3(1), 39-51.
- Lorenz, S. S. (1999). *Sateré-mawé: os filhos do guaraná*. São Paulo, SP: Centro de trabalho Indigenista.
- Marx, K. (1991). *O capital. Crítica da economia política*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Monteiro, M. Y. (1965). *Antropogeografia do guaraná*. Manaus, AM: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
- Nazaré, R. F. R. (1982). *Contribuição ao estudo do guaraná*. Belém, PA: Embrapa-CPATU.
- Oliveira, R. C. (1996). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. *Revista de Antropologia*, 39(1), 13-37. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>
- Pereira, N. (2003). *Os índios Maués* (2. ed.). Manaus, AM: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas.
- Santos, B. S. (2010). *Um discurso sobre as ciências* (7. ed.). São Paulo, SP: Cortez.
- Tricaud, S., Pinton, F., & Pereira, H. S. (2016). Saberes e práticas locais dos produtores de guaraná do médio Amazonas: duas organizações locais frente à inovação. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 11(1), 33-35.
- Vasconcelos, A., Nascimento, J. C., & Maia, A. L. (1976). A cultura do guaraná. In *Simpósio Internacional sobre Plantas de Interesse Econômico da Flora Amazônica* (p. 75-86). Turrialba, CR.
- Verdejo, M. E. (2006). *Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP*. Brasília, DF: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar.
- Witkoski, A. C. (2010). *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. São Paulo, SP: Editora Annablume.